



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8491 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

A DESCOBERTA DO TEXTO UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE COMPREENSÃO DA LEITURA

Joice Ribeiro Machado da Silva - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

Márcia Martins de Oliveira Abreu - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLANDIA

A DESCOBERTA DO TEXTO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE COMPREENSÃO DA LEITURA

O presente trabalho procura refletir sobre o processo de leitura na escola e apresentar uma das estratégias utilizadas para o desenvolvimento da leitura como processo de compreensão e carregado de sentido com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao refletir sobre o ensino e a aprendizagem da linguagem no contexto alfabetizador tendo como suporte o estudo dos gêneros textuais acredita-se que apenas por meio do texto é possível a criança realizar um processo realmente significativo e de compreensão.

Nesse sentido, com objetivo de promover o desenvolvimento do leitor proficiente durante o processo de alfabetização, aprofundamos e experienciamos em classes de 1º ano, com crianças de 5 e 6 anos, a proposta metodológica desenvolvida pelo Dr. Élie Bajard (2012) denominada *Descoberta de Texto* que muito contribui para a conquista da língua escrita.

Partindo do pressuposto do referido autor de que “[...] ler é tomar conhecimento de um texto gráfico.” (BAJARD, 2007, p. 24) e de que o uso da língua se constitui como primordial no processo de apropriação da escrita. Sendo assim, entendemos que a apreensão do ato de ler pela criança não pode acontecer apenas por meio do ensino da técnica do sistema de escrita, mas no próprio uso da língua materializada na forma de enunciados, orais e escritos, em situações concretas. Em outras palavras a apropriação da língua deve ocorrer inserida no ato de ler e não descolada dessa ação.

Priorizar o trabalho com a leitura é tarefa primordial na escola. Apesar de essa premissa parecer óbvia, observa-se que nem sempre se efetiva, havendo um grande esforço por parte dos professores que procuram ensinar a leitura, mas nem sempre elege o encaminhamento didático-pedagógico adequado para formar o leitor.

Nossos estudos evidenciam que a decodificação não promove a compreensão. Tradicionalmente a escola tem primado por ensinar os alunos a decodificar desde o início do processo de alfabetização. No entanto, o uso de atividades que focam letras, sílabas e seus sons contribui para que a linguagem seja apenas transcrição do oral, como se esse encaminhamento garantisse uma apropriação significativa da língua. Pautados em concepções fonológicas e no construtivismo, os professores acabam por tentar ensinar uma língua que se constitui na relação de grafemas e fonemas, como se escrever fosse uma simples transcrição do oral, instaurando o ensino de uma língua sem contexto, sem sentido, sem compreensão, enfim, sem vida.

Outro fator importante é a forma como a leitura é tratada na escola: muitas vezes a leitura do texto é seguida de questões de interpretação, ora orais, ora escritas, para serem respondidas pelas crianças; em outras situações e especialmente na alfabetização, a leitura é feita inicialmente pelo professor que ao ler já realiza toda a interpretação textual. Com esse encaminhamento muitos professores estão convictos de que estão trabalhando a leitura adequadamente. Essa prática, porém, pouco contribui para a formação do leitor. No momento em que a criança compreende o texto pela voz do professor não há mais o trabalho cognitivo a ser feito. Em outras palavras, não há mais o que compreender, o que descobrir, pois isso já foi dado. A criança deixa de realizar um importante trabalho mental necessário para se apropriar da leitura.

Romper com essa forma de trabalho com a leitura se faz necessário. Nesse sentido, é que o trabalho com a proposta de *Descoberta de Texto* (BAJARD, 2012) pode auxiliar de modo significativo o processo de alfabetização promovendo a leitura por meio de outra ótica: ler é compreender e não decodificar.

É preciso levar em consideração que a leitura é definida como um processo de apropriação de um texto gráfico, portanto, um ato individual sobre um texto desconhecido. Outro ponto a ser considerado é a abertura de um espaço na aula reorganizando-a de modo que a leitura seja priorizada. Somente com um trabalho pedagógico sistematizado no cotidiano alfabetizador poderão ser formados verdadeiros leitores.

Para a introdução dessa metodologia, vamos considerar alguns pontos que fazem parte da proposta e que contribuem de modo significativo para o desenvolvimento da consciência gráfica (BAJARD, 2012) e por sua vez da busca pela compreensão textual, a saber: dupla caixa, a escolha do texto e o espaço em branco.

O primeiro ponto a ser inserido é o uso da *dupla caixa*. Até então era oferecido às crianças da educação infantil a caixa alta, entendida pelos professores como facilitadora do processo de aprendizagem. Essa prática da utilização da caixa alta é bem antiga no ambiente escolar e revela uma concepção fonológica da língua que tem como preocupação precípua ensinar seu som e nesse caso, basta apresentar apenas uma configuração dos caracteres – a caixa alta. Ensina-se o valor sonoro das letras, não sendo necessário ensinar duas configurações. Houve nesse sentido, muito investimento editorial nos livros didáticos e na literatura infantil que convencidos dessa proposição adotam a caixa alta e, deixa o professor a margem dessa determinação.

O uso dos caracteres na dupla caixa torna-se facilitador da compreensão à medida que revela a gramática da língua, pois com o seu uso, por exemplo, é perceptível o uso de substantivo próprio e comum, a evidência da pontuação, o início do parágrafo. Oferecer apenas a caixa alta é mostrar uma língua sem gramática e reduzi-la a uma transposição de grafemas e fonemas. Vale ressaltar que os diversos materiais gráficos que circulam em nossa sociedade, tanto na escola e/ou fora dela, apresentam a dupla caixa e as crianças já as manipulam. Da mesma forma, as crianças seguem manipulando os tablets e os *smarphones*

de forma cada vez mais notória nos mais diversos contextos da sociedade.

Mediante essa realidade, cabe aos alfabetizadores, grupo no qual nos incluímos, as reflexões sobre os modos de ensinar e aprender a língua escrita na escola. Smolka (2017, p. 37-38) ao discutir a Sociogênese e a História da aprendizagem da leitura e da escrita, nos oportuniza alguns questionamentos que contribuem com a reflexão:

Como o mundo digital – o mundo na palma da mão, nas pontas dos dedos – afeta e constitui as relações sociais? E como essas condições impactam, afetam, constituem os modos de ensinar/aprender, os modos de alfabetizar nos dias de hoje? Como conceber a dimensão discursiva da alfabetização constituída no/pelo mundo digital?

Os questionamentos da autora contribuem com a reflexão sobre as diferentes formas de apropriação da língua escrita e reforça a nossa convicção de que o uso da caixa dupla se configura como a maneira mais pertinente à efetivação de uma alfabetização que seja contextualizada, significativa e discursiva nos tempos de hoje, no contexto escolar.

A *escolha do texto* é o segundo ponto que apresentamos. A proposta metodológica prevê que a leitura ocorre no encontro do leitor com um texto gráfico desconhecido. O termo desconhecido deve ser entendido como um texto nunca visto e nem ouvido anteriormente pelas crianças. Considerar esse ponto é em primeiro lugar conhecer os estudantes, saber de suas preferências, pois o texto precisa envolvê-los. Deve haver um cuidado exímio sobre a escolha do texto, pois é preciso considerar o contexto em que está inserida a sala de aula naquele momento.

Esse ato de descoberta do texto deve se iniciar como o revelar de algo precioso. Estando enrolado numa cartolina, por exemplo, o professor o abre, mostrando assim o desconhecido para as crianças. Certamente a escolha do gênero textual deve contemplar os interesses das crianças e aos objetivos do professor.

O terceiro ponto que destacamos é o *espaço em branco*. Somente pelo texto é possível fazer esse reconhecimento e dessa forma, ajudar a criança ampliar sua consciência gráfica e se apropriar do conceito de palavra.

Desenvolver a consciência gráfica é pensar na articulação entre as palavras de um texto e esta por sua vez, só se torna perceptível quando as crianças percebem a existência desse espaço em branco entre as palavras. Com a utilização da caixa dupla, a consciência gráfica se torna ainda mais visível e permite a criança perceber quando a palavra começa e termina.

A descoberta do texto traz uma reconfiguração interessante ao propor que o professor possa levar a criança a aprofundar diversos níveis de conhecimento. É necessário, desse modo, compreender o que significa reconhecer, identificar, ou conceituar uma palavra. Em seu livro “A descoberta da língua escrita”, Élie Bajard (2012), apresenta essa proposta de descoberta de texto definindo cada nível de conhecimento.

Sendo o texto desconhecido da criança, caberá ao professor auxiliar o processo de conhecimento do texto. Assim, o esperado é que haja palavras a serem reconhecidas, identificadas e conceituadas. As palavras a serem reconhecidas se referem a um rol de palavras nos quais as crianças já viram sua configuração gráfica, portanto, já conhecem, pois já lhes foram informadas de sua existência. Espera-se assim, que ao ler o texto a criança

indique quais são essas palavras tentando perceber o motivo delas estarem ali.

Feito isso, caberá ao professor ajudá-las na tarefa de identificar outras palavras. São as que conhecem auditivamente, mas que nunca viram sua escrita gráfica. Tais palavras devem ser significativas, pois devem auxiliar na busca da compreensão do texto. Escolhidas essas palavras em comum acordo com as crianças, pois devem fazer sentido para elas ao mesmo tempo em que revela o texto, vão para um banco de palavras para serem retomadas posteriormente.

As palavras conceituadas são desconhecidas gráfica e auditivamente pelas crianças e deverão ser reveladas pelo professor que realiza a conceitualização necessária. Dentro do contexto do próprio texto, a criança passa a compreender as palavras, atribuindo um sentido a elas por meio da interação com um contexto significativo, numa abordagem discursiva, em que os diálogos se estabelecem com os diferentes enunciados escritos.

Tratando-se de uma turma de 1º ano do ensino fundamental, cabe a professora da turma escolher adequadamente o texto a ser descoberto de modo que haja maior ocorrência de palavras a serem identificadas em detrimento das demais. Se for um texto cujas palavras serão apenas para o simples reconhecimento, o texto se tornará fácil demais e pouco desafiador. Já o contrário, um texto com muitas palavras a serem conceituadas, o mesmo será impossível de ser compreendido. É preciso um equilíbrio podendo haver uma variação a fim de ampliar o acervo de palavras das crianças. Esse exercício de reconhecer, identificar e conceituar permitirá que as crianças tomem para si o sentido do texto que está repleto de palavras e seus diversos significados.

Desse modo, ressaltamos que a proposta metodológica apresentada é viável e produtiva à medida que, por meio do diálogo, a busca da compreensão do texto fique em evidência. As crianças passam a se relacionar com os modos de ler por outra vertente, buscando o significado e o sentido das palavras que estão presentes no texto e nesse movimento, aprendem o que é ler.

Palavras-Chave: Alfabetização. Leitura. Descoberta de textos.

REFERÊNCIAS

SMOLKA, A. L. B. Da alfabetização como processo discursivo: os espaços de elaboração nas relações de ensino. In: GOULART, C. M. A.; GONTIJO, C. M. M.; FERREIRA, N. S. de A. (Orgs.) **A alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita**, São Paulo: Cortez, 2017.

BAJARD É. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **A descoberta da língua escrita**. São Paulo: Cortez, 2012.